

REFLEXÕES SOBRE O URBANO

CARLOS SANTOS *

Resumo

Talvez uma trama intrincada de atividades. Tais atividades, ao que tudo indica, não teria, a princípio, nada a ver com o que seja campo ou rural. Melhor dizendo, urbano por oposição ao rural. Urbano por que? Ou por que rural? Não gostaria de citar ninguém. Quero caminhar no intuitivo, ou seja, já li teorias sobre o que seja urbano ou o que é definido como rural, de modo que o que deponho tem ranços acadêmicos ou formalistas. Declaro que o urbano é um modo de vida monetário.

Palavras-Chave: Urbano e Caminhar Intuitivo

Abstract

Perhaps a plot intrincada of activities. Such activities, to the that everything indicates, he/she would not have, at first, nothing to see with what is field or rural. Best saying, urban for opposition to the rural. Urban why? Or why rural? He/she/you would not like to mention anybody. I want to walk in the intuitive, in other words, I already read theories on what it is urban or what is defined as rural, so that the one that I depose has academic rancidities or formalistas. I declare that the urban is a monetary life way.

Key-Words: Urban and to Walk Intuitive

1. INTRODUÇÃO

O que pretendo escrever é basicamente um depoimento. É o que percebo, vivencio e cotidianizo no meu dia-dia. O que é urbano? Talvez uma trama intrincada de atividades. Tais atividades, ao que tudo indica, não teria, a princípio, nada a ver com o que seja campo ou rural. Melhor dizendo, urbano por oposição ao rural. Urbano por que? Ou por que rural? Não gostaria de citar ninguém. Quero caminhar no intuitivo, ou seja, já li teorias sobre o que seja urbano ou o que é definido como rural, de modo que o que deponho tem ranços acadêmicos ou formalistas. Declaro que o urbano é um modo de vida monetário. É verdade que no campo as relações podem ser monetárias, porém, salvo a ocorrência de hortas ou similares no meio urbano, ganhar a vida no urbano significa "batalhar grana" para qualquer gesto de sobrevivência. E aí vale tudo. E isso é precisamente o urbano. Ao romper a solução de viver através da estreita ligação com a terra, o urbano institui uma outra forma de subsistência, qual seja, o que poderíamos chamar de instrumentalização de si mesmo. Bom, de que urbano estamos falando? Obviamente, estou imerso numa metrópole, numa cidade grande de um país subdesenvolvido, cuja economia é de cunho capitalista. Ora, trata-se do Rio de Janeiro o lugar por excelência do "pa-tro-pi"-; e o que é o Rio de Janeiro? Há Zona Sul e há Zona Norte, há o Centro e há também a Zona Oeste; há um Rio múltiplo marcado pelas nuances sociais e pela história. Mas há, sobretudo, um Rio que é cidade, quer dizer, que está organizado de acordo com os parâmetros que balizam o que possa ser chamado de urbano; melhor dizendo, diferentes matizes de funções: comércio, indústria, habitação e cultura. Sendo que cada função desta aflora no espaço carioca de um modo segregado. E este é o termo chave que define a morfologia citadina: segregação espacial de funções e atividades.

2. CADA COISA NO SEU CANTO

Por uma forma "natural" tudo tende a ter o seu lugar. A cidade não escapa dessa praxe. Dentro dela as coisas se arrumam de acordo com as funções a ser desempenhadas. Assim, formas variadas de funções caracterizam aspectos de objetos ou construções que, no arranjo que tomam, estruturam a face da cidade. Evidentemente que tanto quanto, por exemplo, uma face humana, que tem como ingredientes comuns boca, nariz, olhos, ouvidos, a cara da cidade (sem que eu queira ser funcionalista) também tem elementos similares. Afora a presença de um centro e de uma periferia, a cidade expõe áreas marcadas por usos determinantes: bairros de várias classes sociais, áreas industriais, quarteirões de atividades comerciais, terminais de transporte, hospitais e escolas e prédios que abrigam o poder: político, econômico e religioso. Tal variada gama de funções forma um complexo de atividade que define a cidade. A organização da multiplicidade das coisas que se faz na cidade tende a se aglomerar, a se juntar. Essa condensação de atividades semelhantes expressa-se em determinados locais da cidade, o que à semelhança da face, mostra a cidade. A cidade é, basicamente, o que se faz nela. E o que se faz nela? Mora-se. Quer dizer, a cidade é antes de tudo morada, e porque moradia ela é meio de vida. Há por

isso na cidade mil e uma formas de "se virar": tanto lícita, quase lícita ou ilicitamente. Como já disse, na cidade qualquer gesto de sobrevivência é desembolso, custa dinheiro. Então como consegui-lo? Eis a cidade. Ou seja, a cidade capitalista. A cidade cuja vida é regulada pelo mercado. E aí usar a cidade significa pagar algo pela migalha do seu espaço. E o que é o espaço da cidade? Um terrível jogo de forças regido fundamentalmente pelo interesse monetário. É o dinheiro que comanda a cidade. E simplesmente porque a cidade capitalista é intrinsecamente mercadoria.

3. COMPRAR A CIDADE?

Dispondo apenas de si enquanto força de trabalho, o cidadão, de acordo com a cotação que usufrui no mercado, tem a sua localização sócio-espaial determinada no urbano. Tal cotação é o seu passaporte de ingresso e permanência na cidade. A cidade portanto, se afigura como um cadinho de relações cultural-sócio-econômicas regidas pelo signo mercantil. Por outra, o valor em questão não é o humano mas sim a capacidade de ser mercadoria. O simples fato de ser pessoa, não garante, no Rio de Janeiro pelo menos, a ninguém o direito de sobreviver. É preciso ser mercadoria. E só dessa forma é possível o reconhecimento entre habitante e cidade. Pois morar na cidade e ser cidade só é viável em tornando-se mercadoria. A cidade é comprada em níveis de possibilidade pela moeda da força de trabalho cujo câmbio é regulado pela cotação que a qualidade de tal força de trabalho obtém no mercado. Portanto, a cidade é capital. E a lógica que direciona o capital é a busca do lucro de qualquer forma. É preciso que tudo desemboque no dinheiro. Dessa forma, mil artimanhas estão e são articuladas para fazer dinheiro. A força da "grana" é o mecanismo básico que comanda a vida da cidade.

4. O LUGAR DO URBANO

O lugar do urbano se define pelo urbano do lugar, isto é, pela eleição de um *locus* de comando e de decisão da instrumentalização de recursos materiais e humanos. Embora, inegavelmente, haja subjacente a esse processo a orientação monetária, uma outra moeda também circula e influencia o sistema: o prestígio. Este valor nos remete para uma outra dimensão da cidade: a esfera política. Enquanto que o econômico amarra a cidade, como se ela fosse uma imensa teia, em nós constituída por miríades de atividades, dando-lhe estrutura e forma; o político ao administrar e gerir a cidade pode interferir na sua forma e estrutura. O que quero dizer é que a esfera política abre a possibilidade da humanização da cidade. Porque é possível ver-se a cidade pela ótica da dialética político-econômica. Porquanto capitalista a cidade vive estruturalmente uma tensão que é, em última análise, política: quem usufrui do poder? Quem domina e quem é dominado? Embora mercadoria, a cidade é o *locus*, por excelência, da cultura. O que significa a possibilidade da aprendizagem de sua decodificação. Sendo a cidade reescrita na linguagem do capital ela tornou-se cifrada, codificada. Ora, isso é imperativo para que o véu

que esconde a sua lógica não seja rasgado e o seu fetiche mercantil não seja desmistificado. Pois, antes de mais nada, a cidade é do burguês. Ora, por permitir que todas as idiossincrasias se expressem para que possam ser filtradas e cooptadas pelo consumo urbano torna-se, por outro lado, berço e receptor de inovações. Por isso mesmo a cidade é um cadinho de gestação de mudanças. Nesse sentido as massas dominadas têm a possibilidade, via a conscientização política de sua situação, decodificar e reestruturar a cidade. A cidade gesta, portanto, da mesma forma que os burgos medievais, uma nova versão de espaço urbano: o *locus* do povo.

5. ÚLTIMAS COLOCAÇÕES

Este depoimento é minha leitura urbana pelas lentes da geografia e quiçá da filosofia. Entendo a cidade, como *expus*, como um ponto de encontro de forças sociais que, ao sabor do poder de suas correlações, traçam resultantes históricas que indicam novos horizontes para a humanidade. Vejo a estruturação da cidade como uma preparação do inusitado histórico. É uma massa crítica que paulatinamente ensaia detonar o novo. Portanto, a cidade é o útero da mudança. E em se tratando de nós, da realidade brasileira, o urbano avulta-se como o lugar de fato do repensar do país. Se um novo modelo sócio-espacial para o Brasil é urgente, é no urbano que ele será ou já está sendo elaborado. O crucial dessa questão é que o lugar de algo tem precedência, ou seja, para uma nova sociedade é mister uma nova organização espacial. Quer dizer, é necessário reorganizar espacialmente, primeiro, o país para que efetivamente se torne claro que há lugar para todos. Dessa forma fica evidente o papel do geógrafo dentro da realidade brasileira: propor um novo modelo de organização espacial, onde, certamente, a questão urbana é o centro de gravidade da resolução.

INDICAÇÕES PARA LEITURA

HARVEY, David. **A Justiça Social e a Cidade**. São Paulo, HUCITEC, 1980.
CORREA, Roberto L. **O Espaço Urbano**. São Paulo, Ática, 1989.
CASTELLA, Manuel. **A Questão Urbana**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

* Prof. Ms. - Departamento de Geografia/UNIR